

MEDIAÇÃO, FORMAÇÃO E POLITICAS PÚBLICAS NOS ANOS DE 1990 NA CIDADE DE JACAREI

Ronaldo Alexandre de Oliveira¹

Resumo:

O estudo apresentado neste artigo é uma reflexão sobre uma série de atividades educativas desenvolvidas a partir de exposições de artes visuais, organizadas pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Jacareí/São Paulo, na década de 1990, que se traduziram como ações mediadoras entre a arte e os diferentes públicos envolvidos. Ao recuar no tempo, o artigo toma uma das dezessete exposições realizadas e catalogadas, e, por meio de uma descrição analítica, busca compreender os propósitos que gestaram estes projetos, os modos como os mesmos foram planejados e construídos, o seu alcance e impacto, além de reverberações, ao longo do tempo, para o ensino de arte. Sendo assim, o principal objetivo é analisar o sentido de mediação atrelado à formação, de maneira mais abrangente. Para tal análise, tomamos materiais, tais como documentos oficiais e narrativas de pessoas que estiveram envolvidos neste processo, de modo a oferecer uma avaliação crítica das políticas públicas de então.

Palavras Chave: memória, exposição de artes visuais, formação e mediação;

Abstract:

This paper presents analyses on a series of educative activities developed by the visual art exhibitions which were organized by Secretaria Municipal de Educação of Jacareí, in São Paulo, during the 90's. In retrospective, this paper takes one of the seventeen exhibitions that are fully catalogued and registered and, by means of an analytical description of events, the article seeks to offer an understanding of the purposes which guided the elaboration of these projects, as well as to demonstrate how their planning, construction, reaching point, impact and resonances in time affected the teaching of arts. Thus, the main purpose here is to analyze the meaning of mediation as joined to educational formation in an amplified sense. Other sources and material are taken, such as official documents, interviews of people involved in the process, so that to offer a critical evaluation of the public politics of that period.

Key Words: memory, art exhibition, educational formation, mediation;

[1] - Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor Adjunto "A" da Universidade Estadual de Londrina.

INTRODUÇÃO:

Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. (Ecléa Bosí)

O propósito deste artigo é refletir sobre uma série de ações voltadas para o ensino de arte, desenvolvidas no período compreendido entre os anos de 1995 e 1999, na cidade de Jacareí /São Paulo. Enquanto funcionário público efetivo da Rede Municipal de Ensino da cidade de Jacareí, entre os anos de 1992 e 2008, tive participação direta nas atividades aqui analisadas, assim, a reflexão embute o olhar daquele que vivenciou de perto, ora como propositor, ora como implementador das ações.^[2]

A análise tem como base o período da minha permanência enquanto funcionário público e membro de um grupo que se formou por afinidades e ideais em torno de uma educação dialógica.

As ações desenvolvidas compreenderam várias atividades culturais e educacionais, num sentido mais amplo, englobando diversas áreas do conhecimento. Entre estas atividades contamos com o acompanhamento do processo de municipalização do ensino; a organização do desenho curricular da Rede Municipal; a formação docente; concursos públicos; organização de eventos; acompanhamento/supervisão das escolas, dentre tantas outras atividades que envolvem o trabalho numa Secretaria Municipal de Educação.

Distante mais de quinze anos no tempo, retomo estes acontecimentos com o objetivo de compreender os conceitos e as marcas que essas ações deixaram tanto em mim como em todos aqueles que participaram, de alguma maneira, do processo, quer como organizadores das atividades, quer como frequentadores das exposições, estabelecendo contato com as imagens no espaço escolar, ou como participantes das formações, das viagens culturais realizadas ou de outros acontecimentos.

[2] Parte dessas ações foram analisadas na dissertação de Mestrado: Arte e Ensino Público: Desvelando uma Experiência com o Ensino de Artes Visuais na Cidade de Jacareí – Conquistas, transformações e Limites, defendida na Universidade Presbiteriana Mackenzie em 25/08/2000 junto ao Programa Educação, Arte e História da Cultura sob Orientação do Professor Dr. Norberto Stori.

Pontuo, aqui, o importante e determinante papel que assume a memória neste processo. Ecléa Bosi, em sua obra *Memória e sociedade – Lembranças de velhos* assinala que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2001, p.55)

O fato de continuar trabalhando com o ensino de arte, na atualidade, e de frequentar espaços de discussão e pesquisa sobre este ensino, no Brasil, instiga-me a revisitar esses fatos, situações, falas e ações, até mesmo para refletir sobre os desdobramentos que os mesmos tiveram em minha própria formação e atuação profissional, ou seja, sobre a maneira como entendo, hoje, o sentido de mediação, pois as experiências vividas, aquilo que se tem a disposição, propiciam um constante processo de reconstrução. Desta maneira, as experiências que busco analisar partem de um recorte dentre um grande número de ações desenvolvidas no cotidiano de uma Secretaria da Educação. O objeto de reflexão (material de análise) delimita-se em uma (01) exposição de artes visuais, a primeira da série, selecionada a partir de um conjunto de dezessete (17) eventos realizados entre os anos de 1995 e 1999.

Interessa-me, neste artigo, analisar o sentido e a maneira como a mediação esteve atrelada à formação, no conjunto das ações. Formação, aqui, deve ser entendida de uma maneira mais ampla, pois inclui o trabalho de formação de docentes, os mediadores, e do público, além das próprias ações desenvolvidas. Assim, busco compreender os conceitos e as ideias que balizaram as ações e, de certa maneira, incidiram em questões que tocam o espaço expositivo, a curadoria, o espaço escolar, a arte, a cultura e as políticas públicas que propiciaram a consolidação de tal projeto. Conforme Carlos Brandão:

A educação do homem existe por toda a parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sócio cultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisório onde isto pode acontecer. (BRANDÃO, 1991, p. 47)

Sendo assim, percebemos que há processos educacionais em todas as partes, casas, ruas e igrejas, e não somente nas escolas. Esses processos, porém, se dão também nos museus, galerias, casas de culturas e centros comunitários, pois nesses espaços há mediadores, que podem ser indivíduos ou mesmo objetos ou materiais que cumprem este papel.

Penso que a concepção, estruturação, organização, edificação, montagem e difusão do trabalho desenvolvido em torno dessas exposições, assim como, seus desdobramentos no espaço escolar embutem o sentido de mediação no qual acredito, o da perspectiva freireana, que, conforme José Luis Vieira de Almeida (2004, p.3), constitui *“uma ‘ponte’ entre os seres humanos e o mundo, porém, na prática, ela expressa a superação do imediato no mediato”*. Desta maneira, acredito que mediar não é somente fazer uma interlocução entre a leitura de obras de arte e o público, mas desenvolver ações educativas que se pautem por uma dimensão dialógica, que considere o outro no processo da construção do conhecimento; uma ação mediadora no melhor sentido da palavra. Entendo, inclusive, o quanto aquele que se propõe a mediar/formar necessita de uma leitura daquele que lê, para que saiba intervir, fazer as interlocuções. É neste sentido que Moema Rebouças, em um artigo intitulado *Aprendizagem pela mediação de um material educativo*, ressalta que:

[...] A leitura proposta se dá na construção do leitor a partir da sua ação como intérprete [...] o leitor não se faz de maneira passiva, mas torna-se partícipe do seu próprio conhecimento ao estabelecer relações significativas com a obra lida pelas vias da leitura. Professor nessa proposição é o “operador”, o destinatário, que cumpre a função de ser “mediador” da arte e dos alunos. O seu papel aqui não é do avaliador, do crítico, mas daquele que, manipulado pelo material educativo, que o faz-sentir, faz-fazer, lê a obra e torna-se competente para manipular os seus alunos no ato da leitura. [...] [REBOUÇAS, 2005, p.539].

Assim, quem se propõe a mediar necessita de uma concepção de construção de conhecimento que realmente considere o sujeito que lê, pois ele traz uma bagagem, um repertório, e não vive alheio àquilo que lhe é apresentado no momento da leitura. Conforme Bosi (1994, p. 55), *“memória não é sonho, é trabalho [...] lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”*.

Ao refletir sobre estas questões iniciais, percebo o quanto o sentido de leitura, aproximação e mediação entre obra e sujeito se aprofundou no decorrer destes anos. Mesmo nas

proposições que tenho desenvolvido, no campo da formação docente em arte, os conceitos de leitura e de aproximação com a obra têm um sentido ampliado nas minhas reflexões atuais, o que tenho chamado de *metodologia da presença*, uma metodologia que, mais do que aproximar o sujeito da obra, busca, primeiramente, na história construída do sujeito, aspectos que o liguem ao universo em questão. Prioriza-se, assim, as personalidades, a história do sujeito, ao invés de uma história legitimada da arte.

1- DESENVOLVIMENTO: CONTEXTO, LUGAR, ANTECEDENTES E REALIZAÇÕES

2.1 – O CONTEXTO: A CIDADE DE JACAREÍ

Jacareí (1652), cidade situada a 77 km de São Paulo (capital), no vale do Paraíba, é cortada, no extremo leste, pela Rodovia Presidente Dutra, eixo Rio - São Paulo, símbolo tanto de vida, quanto de morte, para todos os que habitam nas proximidades e por ali transitam. A cidade, cuja população gira em torno de 206.014 habitantes, faz parte de um importante pólo industrial.

2.2- O LUGAR: A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE JACAREÍ ^[3]

As ações de ensino de artes visuais que descrevo, neste artigo, fazem parte de um trabalho que foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Jacareí. A Secretaria, inicialmente, atendia apenas à educação infantil, mais tarde, porém, absorveu o Programa Creche-Escola, que antes estava sob a responsabilidade da Secretaria do Bem Estar Social, cujo caráter educativo era menos direcionado. Em 1998, a Prefeitura optou pela municipalização da rede de ensino de 1º grau e o fez de forma gradual.

3 Estes dados se referem ao que era a Secretaria Municipal de Educação de Jacareí em 1999.

Em dezembro de 1999, o número de funcionários da Secretaria Municipal de Educação era de 1.391, dos quais, 568 eram professores, assim distribuídos: 22 de nível II (especialistas em Arte); 24 de Educação Especial e 522 de nível I (responsáveis pelo ensino infantil e fundamental).

A rede de ensino, naquele momento, estava configurada da seguinte forma: ensino infantil; ensino fundamental; educação de jovens e adultos; educação especial. Além deste ensino regular, a Secretaria contava, na época, com uma Divisão de Programas Complementares, que incluía: Clubes de Ciência e Cultura; Biblioteca e Espaço Cultural, Casa da Cerâmica e Casa da Gravura, além de outros de grande atuação no município, como o de Iniciação ao Trabalho (PIT), que se destinava à inserção de adolescentes (de 14 a 17 anos e 11 meses) no mercado de trabalho e ao acompanhamento de suas atividades. A infraestrutura da Rede Municipal de Ensino era composta pelos setores: Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), Gráfica Municipal, Atendimento Psicossocial, Atendimento Médico; Serviço de Informatização de Programas e Projetos (SIPP), Coordenadoria de Programas Educativos (responsável pelas bolsas de estudos, transporte rural e passes escolares oferecidos aos alunos de baixo poder aquisitivo) e a Divisão de Manutenção de Prédios Escolares.

É neste contexto que analisarei as atividades de exposição de artes visuais desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação de Jacareí, com o objetivo de formação em artes, que foram disponibilizadas para seu corpo docente, no período de 1995 a 1999, pois acredito haver relação entre a ampliação da rede de ensino e a maneira pela qual ela vinha atuando. Percebo que cada gestão administrativa embute propostas, intenções e desejos que irão se configurar nos cursos oferecidos, nos profissionais convidados para investir na formação e nos materiais criados e disponibilizados, dentre tantos outros aspectos que envolvem o trabalho.

2.3 – ANTECEDENTES:

Desde a década de 1980, o ensino de arte, no Brasil, vem sofrendo grandes mudanças, tanto na educação básica, como graduação e pós-graduação, que se desenvolveram muito nas últimas décadas. Com relação às artes visuais, a imagem tem sido objeto de muitas pesquisas, tanto em relação aos seus processos de criação quanto às visualidades contemporâneas. Esses estudos repercutem no processo de ensino/aprendizagem, pois preocupações com a recepção e com as diferentes nomenclaturas têm ocupado o território da arte e do seu ensino, conforme as correntes teóricas, epistemológicas e o ponto de vista daquele que pensa a imagem. Neste contexto, termos como apreciação, fruição, contemplação, leitura, aproximação, compreensão e alfabetização ocupam espaços na literatura e nas práticas de educadores de arte. Estes termos se reportam, na maioria das vezes, a processos de mediação, que dizem respeito àquele que está “entre”, na equação obra/espaco/ sujeito. A mediação, assim, reporta-se a questões/materiais/sujeitos que estão entre artefatos culturais/artísticos e sujeitos aprendentes, tanto na escola como em muitos

outros espaços em que se faz educação e aprendizagem. MARTINS (2005, p. 52), afirma que *“Hoje a imagem é muito usada no ensino e tem um papel importante para ler e interpretar a contemporaneidade de nosso mundo. Tratar a imagem como contendo informações também é muito importante, pois ressalta a arte como linguagem própria.*

Ao recuar no espaço/tempo, verifico a necessidade de se levar em conta a história vivenciada pela Secretaria Municipal de Educação de Jacareí, pelo corpo docente e demais funcionários de diferentes escalões, que sonharam, desejaram e trabalharam em função de uma prática pedagógica, inseridos no contexto de uma engrenagem maior, com o objetivo de contribuir para a constituição do processo educativo. Acredito que o processo de inserção e transformação de quaisquer propostas e posturas é longo, lento e, em diversos momentos, árduo. Além disso, muitas vezes, uma administração não consegue colher os frutos dos seus investimentos; outras vezes, um trabalho iniciado por uma gestão não tem a devida continuidade na seguinte, que propõe “novos” projetos que não resultam de um processo já começado anteriormente. Assim, é fundamental o registro, a documentação, para que não se perca a memória das ações já efetuadas assim como dos dirigentes/funcionários/protagonistas que delas participaram, pois, em última análise, estes são os responsáveis por sua existência, por sua consolidação. Nesse sentido, conforme Madalena Freire: [...] Mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo. [...] [...] Mediados por nossos registros, reflexões, tecemos o processo de apropriação de nossa história, a nível individual e coletivo. [...] (FREIRE, 1996, p.41)

Entretanto, embora se reconheça a importância do registro nas administrações públicas, estes se mostram bastante frágeis, pois muitos deles são, previamente, selecionados para serem deixados, para que não sejam vistos, o que, geralmente, esconde algum interesse particular de apagar marcas, histórias, projetos. Os projetos desenvolvidos por uma administração marcam as pessoas públicas envolvidas com os mesmos, e a falta ou destruição de registros apagam a memória desses indivíduos assim como dos eventos, como se não tivessem existido. Estes são equívocos que têm marcado a história de muitas administrações públicas. Para Sacristán:(1995, p.77), as *“mudanças educativas, entendidas como transformação ao nível das ideias e das práticas, não são repentinas nem lineares. A prática educativa não começa do zero: quem quiser modificá-la tem de apanhar o processo “em andamento”.*” Neste contexto, a inovação é uma correção de trajetória. Assim, para se analisar uma ação, deve-se refletir sobre a mesma sem perder de vista o lugar e a maneira como esta se deu, assim como, as narrativas de vida das pessoas envolvidas, sejam elas pertencentes à administração pública ou privada, pois é o contexto como um todo que forma o profissional. Antonio Novóia (1995), autor recorrente em minhas reflexões sobre formação

docente, indaga: Como é que cada um se tornou o professor que é hoje? E por quê? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor? Paulo Freire (1993) afirma que ninguém nasce pronto, que o profissional é moldado no embate com a prática, que se dá por meio dos saberes e não saberes, dos diálogos, dos silêncios e dos monólogos. É no exercício do fazer docente que, realmente, se constrói uma identidade docente. Paulo Freire adverte, entretanto, que:

Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer no mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos. (FREIRE, 1993, p.79,80)

Assim, na construção identitária, fundem-se a pessoa e o profissional, que resultam da história de vida, do contexto, do lugar e das cicatrizes adquiridas ao longo do tempo. Para Maurice Tardif (2002), o saber profissional está, de certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, entre outros. É neste contexto que serão inseridas, aqui, narrativas próprias e de outros sujeitos, numa busca por compreender a história e as marcas deixadas pela mediação.

Ao rememorar algumas ações que antecederam o calendário das exposições que serão analisadas, buscou-se refletir a formação enquanto mediação. Cabe ressaltar que o ensino de arte, até então desenvolvido na instituição, esteve centralizado na educação infantil e nos programas complementares que atendiam adolescentes no contraturno escolar e tinham, em seu desenho curricular, além das atividades voltadas para o acompanhamento da tarefa escolar, outras destinadas ao ensino de arte e a atividades físicas. Foi neste programa que ingressei, enquanto professor efetivo, em 1992. Vale dizer que as ações voltadas para as artes eram desenvolvidas, basicamente, pela Secretaria de Cultura, mas as que serão, aqui, analisadas, foram implementadas pela Secretaria de Educação, o que, a meu ver, faz uma enorme diferença, pois esta passa a se preocupar e incorporar, em suas políticas públicas e em seu desenho curricular, o trabalho com arte. As iniciativas em relação às artes visuais

oscilavam entre a manutenção da exibição da produção local, onde o compromisso era muito mais o de ostentar um *status* de cultura e arte que atendia a outros propósitos, principalmente, o de uma ação cultural atrelada a uma política cultural de manutenção de algumas manifestações. Tal política apresentava somente o que era produzido na cidade, de forma acrítica, sem balizamento com a produção de arte e cultura num âmbito maior. Neste contexto, a política partidária e a política cultural e artística dialogavam para definir o que deveria ser exibido como estratégia para uma administração que se preocupava com a cultura local, mas que, na verdade, acabava por conceber muito rasamente a questão.

Além disso, os cursos oferecidos aos educadores priorizavam a transmissão de técnicas, o que revela a concepção de ensino e arte que vigorava, na época, na rede municipal. Estes fatos estão descritos na dissertação de mestrado já mencionada (OLIVEIRA, 2000), que apresenta um levantamento dos cursos oferecidos pela rede municipal de ensino de Jacareí, de 1989 a 1999, cujo foco eram os trabalhos manuais, o que evidencia o ensino de arte voltado, simplesmente, ao estímulo do fazer.

As atividades que antecederam o calendário de exposições, apresentado neste estudo, foram pautadas em ações que se deram de forma simultânea: atuação nos programas extracurriculares de ensino de arte destinados a crianças e adolescentes; organização de exposições; reuniões técnicas e pedagógicas com professores da Rede Municipal de Ensino; cursos de formação voltados para os docentes da educação infantil e dos programas complementares; visitas a museus dentro e fora do município; produção de *slides*; organização de materiais para as aulas de arte; e curso para a criação de Clubes de Ciência e Cultura (IBECC).

Todas essas ações criaram a possibilidade de se trabalhar com imagens na Rede Municipal de Ensino de Jacareí, no início da década de 1990, pois, até então, não havia materiais de imagens fixas, nem mesmo o acesso à internet era algo fácil, portanto, pensar em capturas de imagens para serem usadas na formação de docentes, crianças e adolescentes era impossível até aquele momento. O que havia nesse sentido eram iniciativas individuais de educadores. Estes materiais assim como os cursos de formação serviram enquanto mediação na aproximação e ampliação do repertório dos professores e funcionários, que passaram a conviver com as imagens da arte. Estas ações, consideradas como formas de mediação, possibilitaram a familiarização da rede com as imagens da arte, algo inexistente até aquele momento.

Outro ponto importante diz respeito à simultaneidade das ações, pois não existem professores prontos, com a formação que se considera como a mais adequada para o desenvolvimento de atividades relacionadas às artes. Assim, foi fundamental a implementação de iniciativas capazes de preparar o docente por outras vias, que não somente a formação regular, para transformá-lo num eficiente mediador entre o estudante e as práticas artísticas.

As ações desenvolvidas nesse período (1993/1996) tinham o aval da Secretária de Educação do Município daquele momento, que já havia ocupado um cargo de chefia na Diretoria de Ensino de Jacareí, cujo conhecimento facilitava e permitia que pudesse ser desenvolvido um trabalho de formação de professores das redes municipal, estadual e particular da cidade. Muitas foram às ações desenvolvidas no sentido de rever posturas e orientações para o ensino de arte naquele momento.

Estas ações formativas abriram possibilidades e perspectivas para que se ganhasse espaço para trabalhar com o ensino de arte de maneira sistematizada e para que se criasse, juntamente com o IBBECC^[3], os Clubes de Ciência e Cultura na Secretaria de Educação de Jacareí. A princípio, o Clube funcionou numa sala cedida, no próprio prédio da Secretaria, e, posteriormente, estendeu-se para bairros periféricos da cidade, ocupando prédios pertencentes à administração pública que abrigavam programas complementares. O depoimento de uma funcionária pública, há mais de 25 anos naquela secretaria, salienta o que foi este trabalho:

[3] O Clube de Ciência e Cultura surgiu após o curso feito por profissionais da Secretaria Municipal de Educação em Jacareí (fevereiro/ abril 1994) na Estação Ciência/ São Paulo tendo como órgão organizador o IBCEC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura). Estes profissionais eram Eliana Romero Prado Leite, Fernanda Rosa Garcia Peixoto, Maria Angélica Gomes Maia e Ronaldo Alexandre de Oliveira. Após o término do curso, apenas dois destes profissionais permaneceram à frente dos trabalhos que, naquele momento, se iniciavam.

[...] Acompanhei de longe este trabalho lentamente construído, talvez menos por condições ideais de trabalho e mais pelos sonhos de diferentes profissionais que se encontram e se apaixonam pelo que fazem, tornando-se molas propulsoras deste crescimento rápido (de 01 para 05 Clubes e 02 Casas especializadas em menos de três anos), sem, contudo desconsiderar a proposta política do dirigente da instituição (Secretário Municipal de

Educação) que aprova e viabiliza este empreendimento, o que para nós é gratificante. Dos mais diferentes programas e projetos que eu presenciei na Secretaria Municipal de Educação, vejo que este é um dos mais envolventes, quer pela diversidade de atividade que oferece, quer pelas faixas etárias ou pela abrangência que tem, por meio do atendimento aos bairros distantes da cidade. (Sueli Dutra - Agosto de 1999)

No momento da realização da exposição “Aspectos da Natureza”, a equipe do Clube de Ciência e Cultura era formada por: Ronaldo Alexandre de Oliveira, Maria Angélica Gomes Maia, Maria de Lourdes Cogo Moreira, Márcia Helena Prado Vieira Lima. Somaram-se à equipe no decorrer do processo de montagem da exposição, Cláudia Souza, Cláudio Ferraz, Inês Tereza Azevedo dos Santos e posteriormente Fátima Maria de Oliveira Pereira, Sueli Perão Schulz, Ézio Correia de Souza e Sueli Dutra. Muitos outros profissionais da própria Secretaria e muitos estudantes de magistério vieram posteriormente trabalhar no Clube de Ciências; alguns prestaram serviços temporários e outros permaneceram por um tempo maior.

Foi neste contexto, depois de estruturadas as condições mínimas para o funcionamento do espaço do Clube de Ciência e Cultura, que nasceu a primeira ação sistematizada dirigida ao ensino de arte, composta por: imagens, programação paralela, visitas orientadas e curso de formação para professores. Estas ações aconteceram, paralelamente, a uma exposição, que se tornou a marca das exposições posteriores.

2.4 – REALIZAÇÕES: QUADRO DE EXPOSIÇÕES REALIZADAS NO PERÍODO DE 1995 A 1999.

	Exposição	Período e Local	ATIVIDADES PARALELAS	Nº de Participan tes
1	Aspectos da Natureza		Visitas orientadas Arte e meio ambiente - Ângela Leite O Registro científico das plantas -Carmen Sylvia Zocchio Fidalgo; A Construção do desenho pela criança - Rosa Iavelberg O Poema da natureza- Graça Aparecida Monteiro Os Contos tradicionais em forma de noite de histórias - Regina Machado; Oficinas de xilogravura para crianças e adultos - Luise Weiss – Panorama sobre os ecossistemas brasileiros - Frederico Lencioni Neto	5000 52 45 25 30 230 40 90
2	Lasar Segall – Imagens do Brasil	03 de setembro a 30 de outubro de 1997 Vila Cultura	Visitas orientadas A Gravura na Obra de Lasar Segall - Rosa Esteves A Imagem no Ensino da Arte – Denise Grispum Curso de Xilogravura para crianças e adolescentes – Amilton Damas Oficina de desenho – Cláudio Ferraz Visita ao Museu Lasar Segall	4.280 – visitas 137 23 15 13 16
		Casa da Gravura 19/02 a 10/03/98	Visitas orientadas Curso de formação para professores – Ensinando Arte/ A Gravura como meio (Duração de 150 horas)	118

3	Múltiplas abordagens em torno da gravura	EMEF Lamartine Delamare	Trabalho com a comunidade escolar Visitas orientadas	1.317
		EMEF Silvio Silveira	Trabalho com a comunidade escolar Visitas orientadas	936
4	Cezira Carpanezi	Casa da Gravura 12 a 30/03/98	Visitas orientadas Palestra com Cezira Carpanezi: “Encontro com gravadores”	658
5	Ângela Leite	Vila Cultura 20/03 a 26/04/98	Visitas orientadas Palestra com Angela Leite: “Encontro com gravadores”	2.854
		Clube de Ciência e Cultura Pq. Meia Lua	Visitas orientadas e Oficinas	724
		Clube de Ciência e Cultura Nova Esperança	Visitas orientadas e oficinas	775

6	Exposição “Imagens do cotidiano” Amilton Damas	Agência Banespa –Centro 13/04 à 30/04/98	O número referente às visitas desta exposição (6.500) foi calculado tendo como base o fluxo diário de clientes/usuários fornecido pela agência bancária. Desta forma, na soma total de visitantes do Calendário de Exposições, não foi considerado este número, pois não há dados registrados porque a agência bancária é um local atípico para a realização de exposições.	6.500
7	Mulheres Gravadoras “Uma homenagem à Edith Behring”	29/04 a 31/05/98 Vila Cultura	Visitas orientadas Palestra com Fayga Ostrower: “Encontro com gravadores”.	1.629
8	Laurita Salles e Moa Simplício	15/05 a 19/06/98 Casa da Gravura	Visitas orientadas Palestra com Laurita Salles: “Encontro com gravadores” Curso teórico/prático com Moa Simplício	403
9	Feres khoury e Luise Weiss	06/07 a 09/08/98 Vila Cultura	Visitas orientadas Palestra com Luise Weiss: “Encontro com gravadores”	616
10	Cláudio Mubarac George Gutlich Norberto Stori	Casa da Gravura 21/08 a 20/09/98	Visitas orientadas Palestra com Norberto Stori: “Encontro com gravadores”	147
11				

	Exposição do Atelier Piratininga	25/08 a 25/09/98 Vila Cultura	Trabalho preparatório com os monitores coordenado por integrantes do Atelier Piratininga/ SP (Ernesto Bonato, Armando Sobral e Eliana Aughinah). Visitas orientadas	771
12	Ana Amália e Lúcia Ferreira	24/09 a 25/10/98 Casa da Gravura	Visitas orientadas Curso de Apreciação com Ana Amália Tavares Bastos Barbosa	229
13	Figuras Volantes Evandro Carlos Jardim	22/10 a 22/11/98 Vila Cultura	Visitas orientadas Palestra com Evandro Carlos Jardim Curso com o curador da exposição, Ernesto Bonato	645
14	Gravadores da cidade	26/10/98 Casa da Gravura	Visitas espontâneas	25
15	Exposição dos trabalhos realizados nas oficinas na Casa da Gravura em 1998	08/04 a 29/05/99	Visitas orientadas	804
16	Um acervo, uma exposição	25/05 a	Visitas orientadas Curso de arte para crianças: “Arte para conhecer... Arte	

	e diferentes possibilidades de conhecer a gravura	09/07/99	para começar... Arte para brincar!"	1.802
17	Rosto Anônimo, Passageiro Exposição individual de Amilton Damas	24/08/99 a 30/09/99 Casa da Gravura	Visitas orientadas coordenadas pelo próprio artista	484
			TOTAL	24.933

Ao se analisar o calendário de exposições, percebe-se o quanto se fez presente a ideia da programação paralela às exposições, o que se traduz como uma maneira eficiente de alargar o conhecimento em torno daquilo que estava sendo exposto ou tratado. As visitas orientadas aconteceram em, praticamente, todas as exposições; a presença do artista se mostrou uma maneira interessante de fazer com que os educadores e o público em geral pudessem ter contato com a obra e com o próprio autor, por meio de palestras (encontro com o artista), de cursos para os professores e de várias outras ações que possibilitassem a formação atrelada às exposições. Essas ações propiciaram a mediação entre o público e a arte, o que facilitou a compreensão das obras expostas e do sentido de arte que ali estava sendo discutido. Outro ponto que deve ser destacado é a preocupação em atingir, simultaneamente, diferentes públicos e espaços, pois foram desenvolvidas algumas ações que se destinavam à comunidade escolar de modo geral e outras que estavam voltadas, especificamente, aos educadores ou ao público infanto-juvenil. Esta simultaneidade representa uma preocupação em alcançar os mais variados públicos e espaços com os quais qualquer Secretaria de Educação lida na sua cotidianeidade. Assim, ao mesmo tempo em que se buscou colocar os educadores em contato com novos saberes, implementaram-se estratégias de aproximação do estudante com o conhecimento, levando-se em consideração as especificidades de cada grupo.

2.5 - EXPOSIÇÃO ASPECTOS DA NATUREZA ^[4]

A partir dessas ações iniciais, descritas acima, e após o curso realizado no IBEC para a implantação dos Clubes de Ciências e Cultura, começou-se a arquitetar uma exposição que propiciasse uma interação entre as áreas do conhecimento, ou seja, que tivesse a marca da interdisciplinaridade, que era um dos propósitos do clube.

Foi no espaço da sala cedida, na Secretaria Municipal de Educação de Jacareí, após a realização do curso para a implantação de Clubes de Ciência e Cultura em parceria com o IBEC – São Paulo, que se iniciou um trabalho que não se sabia onde, exatamente, iria dar. Havia a sala e parte da carga horária de cada integrante da equipe para se dedicar ao projeto que se iniciava; projeto este que tinha como principal objetivo buscar formas diferenciadas para trabalhar com educação. A partir dessa perspectiva, surgiu o “Clube de Ciência e Cultura de Jacareí”.

A equipe sonhava com um espaço de escola que muito se diferenciava do tradicional, um espaço que oferecesse as mínimas condições para o desenvolvimento efetivo do processo de ensino/aprendizagem; que tivesse imagens e sons, que fosse habitado e mediado por um professor cujos olhos brilhassem quando ele falasse da aventura do conhecimento, por meio de gestos generosos e firmes, e quando ele se propusesse a contar uma história ou explicar uma lição.

Almejava-se o lugar da liberdade e do limite, um espaço acolhedor para que a criança pudesse entrar em contato com o mundo letrado em cada aula e que esse encontro ressignificasse o mundo, ensejando-lhe a possibilidade de ser cada dia mais feliz. A arte ocupava um lugar muito desprivilegiado na rede, até então, pois todos os fatos denunciavam uma total falta de orientação curricular, onde arte não era prioridade.

[4] O grupo de professores de Arte (especialistas) que, em 1994, contribuiu para estruturar a exposição “Aspectos da Natureza”, escolhendo a temática, opinando, definindo objetivos e, posteriormente, desenvolvendo um trabalho a partir da exposição era composto por: Cláudia Souza, Cláudio Ferraz, Carmem de Souza Santos, João Mariano, Marli Batalha, Maria Vaceni Thomazini e Ronaldo Oliveira. Somavam-se a este grupo outros educadores: Maria Angélica Gomes Maia, Maria de Lourdes Santos, Selma Lopes e João Nogueira. Todos estes profissionais atuavam na Divisão de Programas Complementares, onde o trabalho dedicado à arte restringia-se, basicamente, aos fazeres manuais com caráter artesanal, mesmo com a iniciativa de organizar, em paralelo, um projeto denominado Arte-Educação, que buscava uma concepção e uma prática da arte e do ensino para além das denominadas como artesanais.

Foi neste contexto que nasceu a exposição *Aspectos da Natureza*. Naquele momento, como o foco se concentrava sobre as artes visuais, buscou-se como referencial as visualidades tratadas de maneira interdisciplinar, uma vez que este era um dos principais objetivos para a implantação dos Clubes de Ciências.

Assim, por meio de ações, foram desenvolvidas possibilidades para que todos que vivenciassem a experiência da exposição tivessem oportunidade de contemplar, esteticamente, as formas visuais ali presentes, e de apreender coisas do mundo de forma mais integrada.

A exposição *Aspectos da Natureza* caracterizou-se como uma iniciativa com abordagem interdisciplinar que procurou trabalhar a relação arte/ciência, tendo a imagem como principal eixo norteador. A ideia desse projeto surgiu durante as reuniões com os professores de arte das Redes Estadual e Municipal de ensino de Jacareí, onde os procedimentos metodológicos para o ensino de arte, estabelecidos pelas propostas curriculares estaduais, eram, geralmente, colocados como inviáveis.

Ainda hoje, percebo o abismo que existe entre a teoria das propostas e a sua transposição para a prática em sala de aula, principalmente, porque faltam, na maioria das vezes, mediadores para esta tarefa, recurso que poderia minimizar este distanciamento. As dificuldades de transposição eram geradas, em muitos casos, pela falta de capacitação dos professores e pela escassez de profissionais especializados que pudessem acompanhá-los ou que, pelo menos, fizessem um estudo aprofundado do documento e indicassem possíveis caminhos de viabilização. A equipe, de forma coesa, buscou viabilizar aquilo que, no início, era apenas desejo e necessidade.

Nessa exposição, aliou-se, de maneira interdisciplinar, distintas áreas do conhecimento: Arte, Ciências Naturais e Literatura. Foram delineados, como propósitos, determinados pontos que seriam abordados na exposição:

- ✓ Sensibilizar e despertar em cada sujeito/individuo reflexões a respeito do meio-ambiente, mostrando através de imagens, como artistas e cientistas pensam, trabalham e formalizam esta questão;
- ✓ Aproximar a criança, o adolescente, o adulto e o educador do saber científico e do saber artístico, criando condições para que eles possam diferenciá-los e inter-relacioná-los;
- ✓ Instrumentalizar os educadores para um trabalho com imagem, em sala de aula, com enfoque na leitura, produção e contextualização;

- ✓ Discutir a interdisciplinaridade.

Definidos os objetivos, partiu-se para a operacionalização da ação. Foram sugeridas diversas possibilidades, mas optou-se pela exposição como linha mestra: as xilogravuras da artista plástica Ângela Leite que, há muitos anos, desenvolve um trabalho de produção em gravura, cuja temática são os animais e a natureza ameaçada de extinção. Além da questão temática/curatorial, optou-se pela gravura por suas múltiplas possibilidades e por esta trazer a ideia de uma imagem que resguarda características da obra original, não reproduzida mecanicamente, isto é, cujo caráter apresenta elementos e marcas do fazer artístico, tais como, a mediação propiciada pelo cheiro da tinta e pela descoberta da materialidade da arte. Para Martins (2005, p.45), o “*contato com a obra de arte, tendo em vista a ampliação do conhecimento, não pode ficar restrita às biografias dos artistas, aos procedimentos técnicos ou aos aspectos formais. A visão reducionista e empobrecedora parece ainda estar arraigada no ensino da arte*”.

As xilogravuras de Ângela Leite dialogavam com as imagens provenientes do trabalho científico de Margaret Mee (1909-1988), que muito estudou e produziu sobre a flora brasileira, a partir de um olhar atento e minucioso de uma exímia ilustradora botânica, assim como, com as de Frederico Lencioni Neto, que, ao estudar os pássaros brasileiros, produziu uma série de desenhos, representando os principais ecossistemas do país. Estas imagens foram dispostas, individualmente, em meio a objetos naturais e plantas (conchas, cactos, bromélias, orquídeas e pequenas espécies animais), identificados cientificamente, o que possibilitou uma interação entre a representação e o seu referente, por parte do espectador, ou seja, um diálogo entre a natureza viva e as imagens da arte. A literatura estava inserida no contexto, por meio de poemas produzidos por escritores brasileiros.

Assim, na exposição *Aspectos da Natureza*, imagens científicas e artísticas dialogaram entre si, propondo ao público diversas possibilidades de inter-relações, por meio de uma conversa calma e esclarecedora, com o intuito de desvendar mistérios e aguçar o desejo de cuidar de algo que diz respeito a todos: a Terra.

Hoje, ao analisar esta experiência, recordo os inúmeros obstáculos que se interpuseram, mas vejo, também, as soluções encontradas pelo grupo envolvido para que tudo se tornasse possível. Foi preciso enfrentar a falta de estrutura inicial para a concretização do sonho coletivo, pois espaço e credibilidade não são dados, mas conquistados por meio de ações coerentes que respondem às demandas que surgem a partir das práticas. Nesse sentido,

quanto mais “coletivizada” e compartilhada for a construção de um espaço, mais ampla e consistente será a ação, como ressalta Teixeira Coelho:

É necessário à ação cultural, o profissional capaz de entender os mecanismos da atuação em grupo, que possibilitem a esse grupo o exercício da criatividade (ao invés de castrá-lo para isso, como ocorre com freqüência) e capaz de conhecer a natureza e possibilidades das linguagens e equipamentos culturais de que servirá e, que por isso mesmo terá condições de equacionar sua própria presença e intervenção no grupo, ou junto ao indivíduo, de modo a não perturbar exageradamente a natureza do processo (COELHO, 1989, p. 57).

A formação implementada nas redes municipal e estadual de ensino de Jacareí era mediada por referenciais teóricos diversos, tais como: o sistema de crítica “*Image Watching*”, de Robert William Ott (1988), com base nos estudos de Rizzi (1990), que desenvolvi no curso de especialização na ECA/USP (1991); e os estudos de Ana Mae Barbosa, que foram adaptados para aquele contexto, onde eram analisadas imagens provenientes tanto do trabalho artístico quanto do científico. O texto de Ott (1988) e outros, presentes na obra de Ana Mae Barbosa, *Arte – Educação – Leitura no Sub-Solo, que foi* lançado em Jacareí (1997), eram discutidos nos grupos de estudo com os docentes envolvidos.

Os pressupostos do sistema de crítica foram fundamentais para a aproximação do público com as obras, principalmente nos cursos de formação que antecederam a exposição. Embora, hoje, ao analisar o sistema de crítica proposto por Ott (1988), perceba suas limitações no que diz respeito à aproximação com determinadas modalidades artísticas, devido a sua ênfase numa decodificação visual, naquele momento, sua perspectiva em muito auxiliou a equipe envolvida, pois a formação dos profissionais que compunham a equipe inicial era muito diversificada e mesmo os formados em arte não tinham muita experiência com relação à leitura de imagem.

Os pressupostos apresentados por Ana Mae Barbosa e sistematizados em publicações (1991, 1997, 1998) para o ensino contemporâneo de arte, no Brasil, foram muito utilizados naquele momento, pois ressaltavam a inter-relação entre o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a história da arte. Suas ideias, além de fazerem parte dos cursos de formação, foram apresentadas em conferências que Ana Mae Barbosa dirigiu, na cidade, sobre a importância de leitura da imagem, prática que se tornou presente no currículo da rede.

Neste contexto, na exposição *Aspectos da natureza*, que tinha como foco as imagens, parte do tempo da visita foi dedicado à leitura das mesmas.

Assim, um fator decisivo para a opção pelas xilogravuras de Ângela Leite foi o fato de estas serem figurativas, pois o público alvo, até então, praticamente, não tinha acesso a nenhuma outra forma de produção em artes visuais. Desse modo, as imagens figurativas estariam mais próximas dos seus referenciais, o que facilitaria e viabilizaria alguns propósitos da exposição (conforme enquete informal feita pelos educadores nos programas que atuavam naquele momento), que eram os de aproximar o público do universo da arte; sensibilizar os espectadores em relação a questões relativas meio ambiente; e exercitá-los na leitura de imagens.

Para se ter uma ideia das atividades educativas desenvolvidas nesta exposição e que serviram de referência às seguintes, devemos recorrer a um caderno de atividades elaborado pela arte-educadora Renata Sant’Anna (MAC – USP). O caderno, que contém doze folhas, propunha uma série de exercícios que deveriam ser completados pela criança, de acordo com as informações que ela ia colhendo na exposição. Esse material serviu de embasamento para o trabalho prático durante as visitas, pois todo o processo estimulava a interação, a curiosidade, a descoberta e a imaginação da criança. Os exercícios propostos procuravam contextualizar o visitante no universo da exposição, por meio de uma linguagem clara, pessoal, próxima de uma “conversa”, pois o espectador era convidado a passear pelo espaço para obter as informações sugeridas pelas atividades. Na primeira folha, Sant’Anna propõe o seguinte texto:

Você vai fazer um passeio por diferentes paisagens brasileiras. Um passeio cheio de flores, pássaros, árvores, conchas, peixes e baleias, numa exposição que reúne imagens de três artistas que desenham a natureza: Margaret Mee, Frederico Lencioni e Angela Leite. Cada um destes artistas tem um modo diferente de desenhar. Vamos começar o nosso passeio...(Sant’Anna, 1995)

A utilização do caderno foi aquém do previsto devido ao grande número de visitantes, ao tempo condensado da visita e ao fator custo, que acabou por restringir o campo de atuação; entretanto, a proposta metodológica (interação mediador/visitante/ exposição) foi mantida durante as visitas. Embora o caderno não fosse utilizado como se pretendia (distribuição individual), algumas atividades foram desenvolvidas junto ao público, principalmente, as que tinham como objetivo instigar a curiosidade e a descoberta dos objetos da exposição

contidos nas propostas dos exercícios. Esta busca pela interação esteve presente em todas as instâncias do processo, assim, todos os idealizadores foram autores, geradores e condutores dessa experiência que, naquele momento, teve um papel importante dentro da instituição e na prática coletiva e individual. Hoje, percebo o quanto essa interação e os vínculos criados marcaram cada um dos participantes, influenciando sua forma de conduzir outras ações, pois os trabalhos e exposições posteriores da Secretaria Municipal de Educação de Jacareí mantiveram as características da primeira.

As visitas eram agendadas por telefone e iniciadas por uma roda de conversa. Na roda, apresentava-se a exposição, seu propósito, os artistas e cientistas e suas produções, com base nos pressupostos presentes no caderno, que orientavam as atividades. Em seguida, os espectadores eram apresentados a três imagens diferentes, uma de cada produtor, para iniciarem uma primeira leitura, de forma dinâmica, participativa. O grupo, como um todo, tomava contato com terminologias e práticas que discorriam sobre leitura, releitura, ler, decifrar e decodificar, e atuava como mediador e catalisador das falas daqueles que se propunham adentrar o universo da exposição. Ao mesmo tempo em que educadores das redes municipal e estadual entravam em contato com os referenciais teóricos e com as terminologias que o ensino brasileiro de arte trazia, naquele momento, nas discussões propostas pelos cursos de formação, congressos (FAEB e ANPAP) e, no caso aqui exposto, por uma Secretaria de Educação, os referenciais de Paulo Freire já eram velhos conhecidos de muitos, assim como, os estudos de Emilia Ferreiro. Desta maneira, as críticas que eram feitas às formas descontextualizadas de apreensão da realidade, contribuíram para que se pensasse nas formas de leituras que estavam sendo feitas com base na decodificação visual. Assim, o grupo envolvido já começava a desenvolver um olhar crítico em relação a estas práticas, pois fazia associações entre essas aprendizagens, ou seja, entre as que tinham como fundamento o conhecimento advindo da imagem e as que se baseavam na linguagem escrita. Estas reflexões vão ganhar corpo e reaparecer, posteriormente, quando a Secretaria de Educação de Jacareí estabelece contato com Fernando Hernandez e sua obra *Educación y Cultura Visual (1998)*, por meio de uma brochura que, posteriormente, foi traduzida e publicada no Brasil, com o título *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Seu lançamento se deu em novembro de 1999, quando o autor Fernando Hernandez participou do Encontro Internacional de Arte e Ensino de Jacareí.

No espaço da exposição *Aspectos da Natureza*, os postulados de Paulo Freire faziam-se presentes, pois a grande maioria dos envolvidos vinha de uma formação pedagógica crítica, portanto, o sentido de leitura tinha base nas suas indagações:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1994 p.11).

Após as primeiras leituras, os visitantes eram convidados a explorar o espaço expositivo da forma que quisessem e só depois retornavam à roda onde apresentavam suas impressões. A visita era finalizada com um trabalho prático (o fazer), que incluía uma produção plástico/visual ou uma produção textual, que deveria traduzir o que havia ficado de significativo para cada um, a partir das relações estabelecidas com a exposição e com o conhecimento construído, ao entrar, verdadeiramente, no propósito do trabalho.

Assim, buscou-se inter-relacionar a arte e a outras áreas do conhecimento, num trabalho interdisciplinar, que possibilitou a descoberta de respostas para as perguntas que haviam sido colocadas e o desencadeamento de outras, intimamente ligadas aos desejos/faltas a que Madalena Freire (1996) se refere e que, na ação aqui descrita, serviram como fio condutor na configuração do papel do educador como aquele que indaga, pergunta, procura ver o entorno, a falta, e, desse modo, cumprir uma de suas principais tarefas, que é saber ler e intervir na realidade, seja ela qual for. Esta capacidade de saber exercitar o ato de ler, de conhecer, de se embrenhar no contexto pedagógico que diz respeito aos alunos, aproxima o educador da visão de educação defendida por George M. Langford para quem:

O ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensa e como age nas diversas facetas de sua vida (Langford apud Sacristán, 1995, p.66).

Esse projeto desenvolvido pela Secretaria de Jacareí, ao quebrar clichês, tirou a arte de uma posição anônima, esquecida, no contexto da educação, e lhe deu um lugar que até então não havia ocupado, além de abrir caminhos para novas propostas e despertar outras necessidades e vontades de fazer arte. Além disso, o trabalho desenvolvido interferiu nas

práticas e crenças dos participantes, no que diz respeito ao conceito e ao lugar apropriado para a ação educativa. Neste sentido, de acordo com Jimeno Sacristán:

A escola apresenta-se muitas vezes como uma instituição obsoleta aos olhos de agentes e forças culturais que necessitam de uma outra educação e que, portanto, tendem a pôr em causa a legitimidade dos professores, contribuindo para a sua desprofissionalização. Por isso, toda a mudança educativa deve assumir-se, em primeiro lugar, como uma mudança cultural (SACRISTÁN, 1995 p.71).

A iniciativa, assim, trouxe crescimento não só para os profissionais nela envolvidos, mas também para a instituição pública, responsável por fomentar e viabilizar condições para que o educador pudesse desenvolver uma prática em direção a uma educação com maior qualidade. Os propósitos delineados e determinados pelo grupo em relação à exposição embutiam o desejo coletivo de busca pelo que faltava, pelo que se precisava aprender, e de anseio por uma construção coletiva.

A programação paralela à exposição, voltada para alunos e, principalmente, para os educadores, cuja frequência atingiu 512 pessoas, evidenciou que as duas pontas do processo educativo eram alvo de preocupação da Instituição, que tratou com diligência as diferentes ações, das quais me reconheço como parte integrante, pois participei de todo o processo. A programação tinha o cuidado de elucidar as dimensões científicas e artísticas (Arte e meio ambiente - Ângela Leite; O Registro científico das plantas -Carmen Sylvia Zocchio Fidalgo; A Construção do desenho pela criança - Rosa Iavelberg; O Poema da natureza- Graça Aparecida Monteiro; Os Contos tradicionais em forma de noite de histórias - Regina Machado; Oficinas de xilogravura para crianças e adultos - Luise Weiss; Panorama sobre os ecossistemas brasileiros - Frederico Lencioni Neto), além de se preocupar com o imediato, aquilo que estava exposto, pois ofertava uma formação mais longa, continuada, de modo a ampliar os repertórios. A programação paralela abarcava diferentes abordagens, indo da escrita poética às imagens científicas e artísticas, característica que permanece, praticamente, em todas as exposições seguintes, o que possibilitou um aprofundamento, tanto teórico quanto prático, sobre o assunto e configurou uma preocupação com o investimento na formação contínua do educador.

A oficina de xilogravura, presente na programação paralela, fez com que muitas pessoas descobrissem que podiam “fazer” o que, até aquele momento, só haviam visto, como produção alheia, no espaço expositivo. Iniciou-se, assim, um longo caminho para a

instalação da linguagem da gravura no ensino de arte em Jacareí. No depoimento abaixo, do arte-educador Cláudio Ferraz, que participou dos trabalhos na época e ainda hoje permanece como funcionário efetivo da Prefeitura Municipal de Jacareí, percebe-se o quanto a exposição interferiu em sua prática:

[...] Pessoalmente, a exposição *Aspectos da Natureza* veio muito a contribuir com o trabalho em minha oficina. Trabalhamos e experimentamos vários exercícios e possibilidades de trabalhar com o tema, como por exemplo o desenho de observação de pássaros, através do uso de binóculos em um viveiro de plantas próximo a oficina, que depois veio a resultar em esculturas, pinturas, desenhos e xilogravuras, que na sequência foi contemplada com uma palestra e oficina de xilogravura ministrada pela gravadora Luise Weiss, que deu um referencial maior ao trabalho de gravura. A exposição foi importante também para o trabalho de arte na rede, veio de encontro à necessidade de se organizar maneiras de aplicar técnicas e trabalhar com temas originados pelos próprios educadores, ou pelas outras exposições que surgiram a partir dessa. Contribuiu para uma melhor utilização no que diz respeito a se trabalhar um tema globalizador, tornando-o interdisciplinar. [...] (Cláudio Ferraz - Junho de 1999).

O depoimento aponta algumas questões que são de grande importância para a prática educativa, ou seja, a possibilidade de uma ação desencadear outros processos coerentes e condizentes com o meio onde se desenvolvem, como a observação de pássaros, por meio de binóculos, num viveiro próximo ao local de trabalho. Numa prática muito comum entre os cientistas e estudiosos, Ferraz instiga e propicia que seus alunos exercitem as suas percepções, por meio da observação minuciosa, para depois produzirem formas expressivas no *atelier*. Outro ponto importante é a possibilidade de se trabalhar temas sugeridos pelos próprios educadores e/ou alunos, de forma interdisciplinar, numa ação coletiva, de trabalho em equipe. Essas práticas embutem o sentido de mediação que aqui se discute, pois, distante do espaço expositivo, o professor continua a se apropriar de procedimentos e pressupostos advindos da organização da mostra e continua mediando/formando seus alunos na oficina de artes visuais. Nesse sentido, formação e mediação se fundem.

Neste contexto, a programação paralela, desenvolvida pela Secretaria de Educação, pode ser encarada enquanto mediação, tanto para aqueles que visitaram a exposição, quanto para aqueles que atuaram como formadores. Se mediar é estabelecer vínculos e criar possibilidades para que o outro interaja com o mundo, com o semelhante e consigo mesmo, a formação pode ser encarada enquanto estratégia de mediação para a construção do

conhecimento. Um pequeno trecho do texto de apresentação da exposição evidencia o quanto aqueles que lá estavam esperavam por aqueles que iriam vir:

A exposição está montada. Agora esperamos e contamos com vocês, professor, aluno, pessoas que se interessam pelos “Aspectos da Natureza”. A exposição representa para nós um instrumento de trabalho e sem você é espaço decorado e vazio. Venha completar este nosso trabalho (OLIVEIRA, 1995, p.1).

A exposição motivou o desenvolvimento de outros trabalhos dentro da instituição, os quais, embora concebidos de uma forma diferenciada, tiveram como marcas a organização coletiva e a interdisciplinaridade, características fundamentais do Clube de Ciência e Cultura. A permanência de profissionais pertencentes à equipe inicial possibilitou o aprofundamento e a continuidade de propostas interdisciplinares, que foram desenvolvidas com qualidade, e a criação de diversas oficinas de xilogravura, após a exposição.

A gravura foi escolhida, *a priori*, por possibilitar um contato com a obra original e não apenas com reproduções mecânicas, e pelo seu baixo custo (a ideia dos múltiplos, na gravura, facilita essa questão). A segurança das obras e a facilidade de circulação das mesmas, fatores presentes nos espaços culturais, inexistem nos ambientes escolares, pois estes nem sempre são pensados para receber exposições de artes visuais. A adequação dos espaços escolares para receber exposições de artes visuais é outra marca deixada pelas ações desenvolvidas em Jacareí. Em vez de planejar a exposição a partir de espaços prontos, adequados, salas e corredores de escolas passaram se tornar espaços expositivos; uma caixa de madeira com imagens e propostas passou representar, para o professor, a possibilidade de desencadear um trabalho com imagens.

A possibilidade efetivada pela linguagem da gravura desencadeou um anseio permanente pelo conhecimento e pela formação, em busca de uma interação com a produção cultural para a “nutrição estética” (MARTINS: 1999) ou para ser utilizada em projetos imediatos ou futuros, e fez brotar, na rede de ensino, uma identificação com a linguagem artística, reforçada pelo “encantamento” da prática nas oficinas de xilogravura. Com este trabalho, gestado durante 1994 e concretizado em 1995, iniciou-se um longo percurso de incorporação da gravura no ensino de arte na Rede Municipal de Ensino de Jacareí. Posteriormente, a disponibilização de um espaço, denominado Casa da Gravura, possibilitou o desenvolvimento de muitas iniciativas relacionadas à linguagem, como

exposições de importantes gravadores brasileiros (ver quadro de exposições realizadas). Alunos de outras localidades frequentavam o local não somente para praticar gravura, mas para vivenciar o processo que se desenrolava naquele momento. Foi o caso de Wilson Cunha, jovem de outro município que veio a Jacareí para participar dos programas de arte e educação, a partir de um diálogo desenvolvido entre a importante e saudosa arte-educadora brasileira, Laís Aderne, e o grupo que coordenava o projeto. Wilson viveu, em Jacareí, por um período, juntamente com outros adolescentes, sob a responsabilidade da equipe. Ali, pôde dialogar com a cidade, com a gravura e, principalmente com as pessoas e com a vida. Por ocasião de sua permanência/residência, Wilson encontrou, nas várias possibilidades de fazer gravura, as possibilidades de vida. Mediado por Laís e pela equipe responsável pelo projeto, Wilson conseguiu o que não era comum dentro da instituição, gravou, em imagens, rastros de sua passagem por Jacareí. Naquela ocasião, foi editado um calendário com a produção de Wilson durante sua permanência na cidade. Houve outras iniciativas de intercâmbio, quando crianças e adolescentes de Aracajú se encontraram com crianças de Jacareí, e quando dois arte-educadores chilenos, que trabalhavam com projetos sociais, vieram ao *Encontro de Arte*, de 1998, e levaram um filtro de barro (talha para acondicionar água para beber) para o projeto que desenvolviam em seu país. Este filtro, simbolicamente, representaria a possibilidade de todos viverem uma mesma experiência; assim que chegassem ao Chile, poderiam beber da mesma água, todos em comunhão.

A possibilidade de propiciar o contato entre crianças, adolescentes e jovens de diferentes escolas e lugares é uma ação de mediação como a que se dá entre obras / exposição/imagens e o espectador. É uma mediação mais ampla, que propicia a interação não apenas entre indivíduos, mas entre culturas diversas. Ao revisitar estes acontecimentos, percebo o quanto estas ações, estes gestos, continuam o que, hoje, denomina-se de residência artística; no caso em estudo, seriam residências educadoras / artísticas e de vida também.

A permanência de profissionais da equipe inicial do Clube de Ciência e Cultura, na coordenação, foi decisiva para a continuação do projeto de formação que possibilitou o envolvimento de novos educadores e estagiários de magistério nas propostas que vieram a acontecer, mantendo-se não só os conteúdos tradicionais, mas também a metodologia utilizada, o trabalho coletivo e a interdisciplinaridade, para a construção dos saberes do grupo e dos alunos envolvidos nas oficinas. Desta maneira, o vínculo e as parcerias tornaram-se fundamentais para a realização e manutenção das propostas, como o trabalho

interdisciplinar das áreas de Arte/ Ciências/Literatura, que continuou como um dos fios condutores das atividades e propiciou o desenvolvimento de dois projetos interdisciplinares, desenvolvidos posteriormente: *Árvores* (1998) e *Uma Viagem pelo Corpo Humano* (1999).

Outro importante ponto/eixo foram os *kits*, em uma proposta denominada pela equipe como *Trabalhando com Projetos*: materiais e propostas/sugestões pedagógicas eram organizadas em caixas de madeiras que circulavam pelas escolas de ensino fundamental. Com base nesta proposta, tempos depois (1999), imagens e objetos que haviam sido utilizados na exposição *Aspectos da Natureza* foram retomados e reorganizados numa outra vertente, com o objetivo de se ampliar a leitura. Nesse caso, os materiais foram mediadores de outros processos de encontro com a imagem. Nestes “*kits*”, imagens e obras de Margaret Mee, Frederico Lencioni e Ângela Leite suscitavam questões relacionadas ao meio-ambiente e aos ecossistemas brasileiros. Posteriormente, imagens, jogos e materiais advindos de outras exposições que vieram a acontecer (ver quadro) deram origem a muitos *kits*, que foram incorporados na proposta *Trabalhando com Projetos*. Esta iniciativa possibilitou que as próprias exposições continuassem reverberando na Rede Municipal de Ensino de Jacareí, para que fossem aprofundados os conhecimentos e o trabalho iniciado nas visitas orientadas pudesse ser continuado em sala de aula. Assim, um trabalho gera outros, pois experiências servem como referência e desencadeiam outros projetos. Por outro lado, a pesquisa e o estudo por parte do educador são capazes de aprimorar a qualidade da prática educativa, pois sempre é possível reinventar, recriar materiais, identificar os interesses do grupo e mobilizar outras pessoas e ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Revisitar esse percurso construído é, de certa forma, pensar sobre as construções que vão se dando no decorrer das trajetórias dos professores. Como já foi citado neste estudo, é impossível separar o eu profissional do eu pessoal, pois a identidade, de certa maneira, incorpora o coletivo, os laços criados nos vários âmbitos, e as experiências vividas. Organizar exposições foi a maneira encontrada pelo grupo para responder a determinadas perguntas que se faziam importantes, cujas respostas possibilitariam a ampliação do tema que se mostrava desafiador. O grande número de participantes (5.000) de vários segmentos da comunidade e a própria quantidade da produção plástica (3.700) apontam uma resposta altamente positiva. Mobilizar o educador, o aluno, a escola e a comunidade na qual se trabalha, procurando ouvir seus desejos e necessidades, identificando aquilo que eles já sabem/ trazem e necessitam, certamente, é uma das maneiras para se conseguir

desencadear ações eficazes, que ampliam os referenciais, tanto do aprendiz como do docente.

A possibilidade e a iniciativa de estabelecer parcerias apontam para perspectivas de “trocas”, marcantes no processo de formação, onde o conhecimento/ bagagem das partes se intercompletam, enriquecendo-se mutuamente. Aprender com o outro, juntar aquilo que cada um possui para a consolidação de uma perspectiva coletiva, foi a postura que permeou todo o processo de montagem do trabalho aqui apresentado, pois cada indivíduo envolvido no processo de ensino/aprendizagem (professor ou aluno) trouxe uma bagagem, um saber, um repertório, uma necessidade. Assim, cabe ao mediador/coordenador fazer uma leitura prévia, para identificar os reais desejos e necessidades dos participantes, para que a ação não tenha apenas um caráter conteudista ou represente apenas uma só das partes.

A produção plástica de, aproximadamente, 3.700 desenhos, dos quais 3.552 foram catalogados, fora aqueles que foram enviados, juntamente com um projeto, para a *Bienal da Criança* (1995), sobre os quais não se obteve nenhuma resposta, serviram como objeto de avaliação do projeto e ficaram disponíveis no banco de dados da Secretaria Municipal de Educação para futuras ações.

As atividades educativas que foram desenvolvidas nessa exposição serviram de referência para os projetos subsequentes, quer pelo conhecimento adquirido por meio do caderno de atividades, elaborado por Renata Sant’Anna (que pouco foi utilizado na íntegra), quer pela experiência vivenciada com o fazer proposto no momento da visita. É fundamental que essas atividades sejam permanentemente reavaliadas, ao serem aplicadas em outras exposições, para que não acabem se tornando uma fórmula, uma receita pronta de monitoria com os devidos passos a serem seguidos.

Juntamente a uma imagem produzida por Joana Pereira Nunes, adulta, aluna da 2ª série do ensino supletivo noturno, em 1995, pode-se ler o seguinte texto: *“Por mim passava a noite toda aqui só olhando toda essa exposição. Gostei muito, fiquei encantada com tudo que vi.”* Neste pequeno texto, a aluna não se refere ao fazer, apenas expressa seu “encantamento” ao ver tudo que estava exposto. A exposição, assim, foi uma forma de ampliação dos referenciais dessa aluna do curso supletivo, que teve a oportunidade de viver com nos diz MARTINS (2005) uma “nutrição estética”. Muitas vezes, os educadores foram movidos pelos excessos, especialmente, nessa primeira exposição, quando eram feitos cinco atendimentos

diários, que compreendiam cerca de 50 pessoas cada, além aqueles que iam sem agendamento prévio. Mesmo com excesso de atendimento, o roteiro das visitas permanecia basicamente o mesmo, o que acabava por gerar, muitas vezes, um trabalho excessivo e desgastante, que prioriza a quantidade sobre a qualidade. Havia consciência sobre o que estava acontecendo, mas foi priorizada a busca pelas respostas do público, necessárias para a consolidação daquele lugar, daquela proposta, pois até então aquele lugar não existia, só existia o espaço; e espaço é diferente de lugar. Segundo Tuan (1983), espaço é indistinto, lugar é aquilo que em que se coloca afeto. Creio que foi a forma encontrada para dizer “olhe, isto é possível”, “isto é real”.

A presença da gravura, escolhida, *a priori*, por resguardar a possibilidade de contato com obras originais, fez brotar, na rede de ensino, a identificação com esta linguagem, reforçada pelo “encantamento” ao vivenciá-la nas oficinas de xilogravura, constantes da programação paralela.

Projetos interdisciplinares, implementados posteriormente, que foram selecionados para participar de mostras de arte, atestam um amadurecimento e um aprofundamento da questão interdisciplinar, iniciada pela exposição *Aspectos da Natureza*. Produção textual e imagens provenientes de um projeto interdisciplinar, desenvolvido posteriormente, intitulado *Uma viagem pelo Corpo Humano*, coordenado pela educadora *Sueli Perão Sultz*, atestam não só o desdobramento da exposição, assim como, uma busca pelo aprimoramento e qualidade, por parte do Clube de Ciência e Cultura, para o desenvolvimento dos seus projetos. A partir do projeto *Uma Viagem pelo Corpo Humano*, com competência e sensibilidade, ao grupo instiga os estudantes a produzir textos tão significativos, como o que segue:

Procura-se belos olhos; sem importar a cor, mas que saibam ver o pôr-do-sol, grandes monumentos, várias pessoas, diferentes lugares, que saibam ver o fundamento da vida. Procura-se um nariz, que saiba sentir o perfume das flores, das montanhas, que saiba diferenciar os diversos cheiros da vida. Procura-se uma boca, nem grande, nem pequena, mas que saiba apreciar um belo prato, que recite um poema, que tenha um bonito sorriso, que saiba degustar a vida. Procura-se duas orelhas, que saibam escutar o sussurro do mar, conselhos de um amigo, que saibam ouvir a voz da vida (Jéssica/ 12 anos/ 1999).

Esta produção textual muito se distingue da produção desenvolvida durante a monitoria da exposição *Aspectos da Natureza*, pois nela prevalece uma poética pessoal da criança, enquanto que na produção realizada no momento da primeira exposição, predominou uma produção plástica, muito associada à cópia daquilo que se via, e não uma recriação.

Esse projeto ao qual nos referimos, “Uma Viagem pelo Corpo Humano” foi desenvolvido em um semestre e envolveu quatro profissionais e vinte crianças, o que faz uma diferença muito grande ao se comparar uma produção feita numa única visita a uma exposição, onde foram abordados vários temas, em diferentes instâncias da Arte (fruir, fazer e contextualizar), sempre com um número elevado de participantes e num espaço de tempo muito curto. Este fato oferece elementos para que se reflita sobre o espaço reservado ao fazer criador dentro das visitas orientadas: Será que as produções realizadas no momento da monitoria não funcionam muito mais como exercícios? Anotações? Coletas de dados para posterior produção? O aluno precisa de tempo para reelaborar os conhecimentos adquiridos e as anotações feitas para que possa, realmente, viver a experiência de fazer arte.

Assim, as experiências possibilitaram a ampliação dos referenciais. Por outro lado, a pesquisa e o estudo, por parte do educador, repercutem em aprimoramento da qualidade da prática educativa, pois sempre é possível reinventar, recriar materiais, identificar interesses do grupo e mobilizar outras pessoas e ações.

O mesmo encantamento que permeou cada etapa da exposição, construída coletivamente para responder as perguntas iniciais do grupo, que, de certa forma, foram respondidas e acabaram por instigar e gerar outros questionamentos e, conseqüentemente, outros trabalhos, guarda o princípio da ação cultural que é movida em função daquilo que está por vir-a-ser.

Cada vez mais é possível perceber o quanto se faz necessário ter clareza sobre o trabalho efetivado, sobre o público alcançado, sobre as necessidades reais, para não se enveredar em propostas únicas e receitas prontas, massificadoras, que não consideram o aluno como sujeito principal da ação educativa. Assim, é fundamental que os desejos, sonhos e necessidades dos alunos sejam identificados para que as ações possam ser definidas com base na realidade.

Ao término da exposição *Aspectos da Natureza*, após 45 dias de permanência, com grande movimentação de estudantes, educadores da cidade e de municípios vizinhos, realidade nunca vista nem experimentada, antes, pela Secretaria Municipal de Educação de Jacareí, percebeu-se o quanto o clima estava propício, favorável e desejável para se falar e fazer arte. Esse ambiente, criado pela forte presença de imagens e das oficinas de iniciação, durante o período da exposição, acabou despertando, em muitas pessoas, o interesse pela arte e deu origem à *Oficina da Imagem*. Esta iniciativa está inserida no calendário de exposições que consta neste artigo.

Exposições, oficinas, cursos e visitas a museus foram ações que, a princípio, não estavam previstas em um plano ou política cultural local. Foram as primeiras ações movidas pelos sonhos individuais e coletivos dos integrantes da equipe, que delinearão um novo percurso, uma abertura de trabalho, o que possibilitou a conquista de outros espaços.

Hoje, nos contatos que estabeleço com profissionais daquela época que permanecem no quadro de funcionários da Instituição, percebo que, por caminhos férteis, outros trilham e edificam outras ações, movidos pelos conhecimentos adquiridos, pelas parcerias estabelecidas e pelos saberes construídos. Estes saberes, que são individuais e coletivos, foram internalizados, e o sistema não é capaz de alcançá-lo ou extraí-lo, pois está “guardado”, a espera de novos sonhos e ações.

As ações, aqui descritas, romperam barreiras administrativas, por meio de vínculos e parcerias que foram se formando, o que propiciou possibilidades de outras construções. Na maioria das cidades, as instituições públicas são altamente burocratizadas e diferentes tipos de dirigentes se intercalam no poder; uns, simplesmente, para manter a máquina funcionando, outros, para se desfazer de algo que aponta para um horizonte mais largo; outros, ainda, para calarem perguntas do grupo que ali já estava quando chegou, além dos que se omitem ou se consideram “salvadores da pátria”, que vão mudando salas, transferindo pessoas, desfazendo organogramas, levantando paredes, fechando portas, abrindo janelas e tudo isso acompanhado de inaugurações, onde placas de gestões anteriores vão sendo retiradas e dão lugar às novas marcas, agora, por “eternos” quatro anos. Acredito que, somente por meio de um trabalho coletivo e de uma conscientização profissional e pessoal, os professores, mediadores do conhecimento, poderão deixar a sua marca nas ações que vão implementando ao longo de sua trajetória.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. L. V.** A Mediação: Paulo Freire e István Mészáros. In: V Encontro do Fórum Internacional Paulo Freire: caminhando para uma cidadania multicultural, 2004, Porto. IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire: caminhando para uma cidadania multicultural, 2004. p. 1-15
- BARBOSA, A.M.** A imagem do ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____ (org.). Arte - educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____ Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BOSI, E.** Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.
- BRANDÃO, C. R.** O que é educação. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- CASA DA GRAVURA.** Ensino da arte - a gravura como meio. Jacareí: Casa da Gravura, 1998. (Catálogo)
- COELHO, J. T.** O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FREIRE, P.** A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, M. et al.** Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- MARTINS, M. C.F.** Mediação: Provocações Estéticas. São Paulo, UNESP, v.1 n.1, 2005.
- MARTINS, M. C.F.** Curadoria educativa: Uma pesquisa com educadores In: Cultura visual e desafios da pesquisa em artes, 2005, Goiânia. Cultura visual e desafios da pesquisa em artes. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual-Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2005. v. 02. p. 533-540.
- NÓVOA, A.** Profissão professor. Porto: Porto, 1995.
- OLIVEIRA, R. A.** A ação cultural como caminho para o ensino de arte na instituição. São Paulo: Anais do Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, vol. I: 268-272, 1996.
- _____ A casa da gravura – o ensino e a arte contemporânea. Jacareí: Secretaria Municipal de Educação, 1998. (Projeto de atuação)
- _____ Exposição aspectos da natureza. Jacareí: Clube de Ciência e Cultura, 1995. (convite/ catálogo)
- OTT, R. W.** Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997
- REBOUÇAS, M. L. M.** Aprendizagem pela mediação de um material educativo. In: Cultura visual e desafios da pesquisa em artes, 2005, Goiânia. Cultura visual e desafios da pesquisa

em artes. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual-Faculdade de Artes Visuais/UFG, 2005. v. 02. p. 533-540.

SANT'ANNA, R. N. Caderno de atividades educativas elaborado para a exposição aspectos da natureza. Jacareí: Clube de Ciência e Cultura, 1995. (caderno)

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (org.) Profissão professor. Portugal: Porto, p. 63-92, 1995.

SCHULZ, Sueli Perão et all. Árvores. Jacareí: Clube de Ciência e Cultura, 1998. (projeto)
_____. Uma viagem pelo corpo humano. Jacareí: Clube de Ciência e Cultura, 1999. (projeto)

RIZZI, M. C. Leitura de fragmentos - relato de uma experiência completa a partir de um acervo incompleto. São Paulo: ECA-USP, 1990. (Dissertação/ Mestrado).

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação profissional**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2002.

TUAN, Yi-Fu, Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Paisagens do medo. São Paulo: UNSP, 2005.